

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

26

A PRINCESA ROSINHA NA COVA DOS
LADRÕES OU O REI DA VALENTIA



PREÇO DA CASA CR \$ 3,00

Manoel d'Almeida Filho

A PRINCESA ROSINHA NA COVA DOS LADRÕES OU O REI DA VALENTIA

O mundo é um Cinema
De grande variedade,
Cada dia sempre passa
Filmes da antiguidade,
Pois um drama muito antigo
Quando vem é novidade

Êste romance é um desses
Que a muitos anos passou-se,
No reinado de Atlântida,
Que já a muito afundou-se,
Diz o povo que êsse reino,
Em mar e céu transformou-se.

Porém em sua existência
Esse reino era falado,
Tinha como soberanos
Um casal muito estimado;
Era a rainha Nomédia
E o rei Braulio Conrado.

Desse casal tão querido
Só nasceu uma filhinha,
Era linda igual a Venus,
A mimosa bonequinha.
Que teve o nome de Rosa,
P'ra ser chamada Rosinha.

Rosinha ia crescendo
Com muita felicidade,
Porque todos adoravam
Esse anjo de bondade,
Mas ao chegar dez anos
Surgiu a infelicidade.

Pois no reino appareceu,
Una quadrilha assombrosa,
De ladrões misteriosos,
Faziam cena horrorosa
Roubavam matavam gente
De forma misteriosa.

Esses ladrões assistiam
Numa montanha que havia;
Diziam ser encantada
Porque ninguém se atrevia,
Ir naquelas matas, pois
Pelas feras morreria.

Porém é que os ladrões
Tinham coragem de véras,
Pois entraram no abismo
E domesticaram as feras
Deram num palacio antigo
Que já tinha muitas éras.

Ali ficaram morando,
Na mais triste solidão;
A quadrilha era sessenta,
Era quasi um batalhão;
Tiraram o mais destimido
Promoveram a capitão.

Cercaram toda montanha,
Deixaram um portão somente,
Guardado por dois gigantes,
E cada qual mais valente,
Esses só se alimentavam
De carne e sangue de gente.

E depois domesticaram,
Com trabalho dez leões
E botaram mais adiante
Como fortificações ;
Os leões só atendiam
A quadrilha de ladrões.

Domesticaram também,
Duas horríveis serpentes
E ao depois dos leões,
Botaram as cobras valentes,
Cada engolia um homem
E não tocava nos dentes.

Assim ficou destançada
Aqueia quadrilha forte.
E quem fosse persegui-la
Era ir buscar a morte,
Dá de comer aos gigantes
P'ra melhorarem de sorte.

Porque quem fosse teria
De mostrar disposições,
Enfrentar os dois gigantes
E depois dez leões ;
Passando tinha as serpentes
Protetoras dos ladrões.

Quem passasse os obstaculos,
Enfrentava os celerados,
Que estavam no palácio
Muito bem entrincheirados,
Canhões e metralhadoras,
Para tudo preparados.

É por isso que os ladrões
Roubavam, não tinham medo :
Espalhavam no reinado
Os mistérios com segredo,
Depois que faziam roubos
Voltavam para o degrêdo.,

A policia os perseguia,
Seguiam muitos soldados.
Só chegavam no portão,
Eram logo devorados
Pelos gigantes famintos
E os leões esfomeados.

Os ladrões continuavam
Roubando até as donzelas,
Quer fossem ricas ou pobres
Quer fossem feias ou belas,
Faziam o que queriam
E depois matavam elas.

O rei viu a cousa séria,
A desgraça no reinado,
Todo povo se acabando
Pelo grupo celerado ;
Até de sua policia
Não tinha mais um soldado

Então o rei preparou
O exército e a marinha,
Botou nos ladrões sem pena,
Com toda força que tinha;
Morria tanto soldado,
Que parecia murrinha.

A guerra durou um ano,
Mas a força esmoreceu
Pois dos soldados que foram,
Escapou o que correu,
Toda força do reinado
Nessa batalha morreu.

Os ladrões nada sofreram,
Só gastaram munições,
E desgraçaram a cidade,
Com a bala dos canhões,
A montanha foi chamada,
Pela «cova dos ladrões».

Depois da guerra o reinado
Ficou sem ter proteção,
Os ladrões se indignaram
Com uma louca paixão,
Foram roubar a princesa
Para dá-la ao capitão.

Quando entraram no palácio
Prenderam logo a rainha,
Saquiaram toda a casa,
Para levarem o que tinha,
Deixaram o rei amarrado
E carregaram Rosinha.

Levaram a princezinha,
Por dentro da solidão,
Para dá-la de presente
Ao seu bom capitão;
No dia dos anos dele,
Teria satisfação.

Na hora que lá chegaram,
O capitão indecente,
Veio ao encontro deles,
Recebeu-a de presente,
Era triste vê-se o pranto
Dessa infeliz inocente.

Ele perguntou-lhe o nome
Ela respondeu: Rosinha
Ele disse: como é linda!
Porém é muito mocinha.
Quando tiveres idade,
Um dia hás de ser minha.

Nesse tempo ela contava
Onze anos de idade:
O capitão dos ladrões
Tomou-lhe grande amizade,
Mas botou-a na prisão
Sem nenhuma liberdade.

Então disse o capitão:
Esta eu vou adora-la,
Amei-a de coração
E sempre hei de amá-la,
Se ela não me amar,
Assim eu posso forçá-la.

E o monstro todo dia,
la vê-la na prisão,
Tratando-a bem direitinho,
Com uma bôa refeição.
Dando mel para depois,
Dá-lhe fel com alcatrão.

Aqui eu deixo Rosinha,
Para voltar ao reinado;
Vamos encontrar o rei,
Triste e desconsolado,
Só desejava na vida,
Era morrer enforcado.

Porque o que estimava,
Tinha desaparecido;
Era sua filha única,
O seu anjo estremecido,
Sem saber ele pensava,
Quela tivesse morrido.

Não tinha prazer na vida,
Nem o rei nem a rainha;
Pois fazia quasi um ano,
Que choravam a filhinha;
Viviam fazendo preces
Para a alma de Rosinha.

Porém em outro reinado
Apareceu um rapaz;
Que brigava por destino,
Na luta era um voraz,
Muita gente já dizia,
Qu'ele era o satanaz.

Porém é que esse moço,
Trouxe o don da natureza,
Qênio, coragem e destino,
Força geito e ligeireza;
No mundo não tinha homem,
Para dele ter a destreza.

Tinha apenas vinte anos,
Forte ousado e valente,
Era um tipo elegante,
Andava muito decente,
Contava vinte e seis mortes,
Todas de cabra insolente.

Uma vez ele encontrou,
Um sugeito arruaceiro,
Assombrava uma cidade,
Com o nome de cangaceiro:
Guilherme esse tal moço,
Foi ver esse aventureiro.

O rapaz vendo o valente,
O povo fazia apostas,
Que o moço perdia luta,
Guilherme ouviu as propostas
Só deu-lhe uma punhalada,
Tirou-lhe o figado nas costas.

E assim brigava sempre,
Com toda disposição,
Luta a revólver e espada,
Ganhava toda questão,
Em esgrima e todo esporte,
Do paiz foi campeão.

Guilherme pelas bravuras,
Que ganhava todo dia.
Dizia o povo que ele
Era o rei da valentia,
E este nome de glórias
Toda a nação já sabia

O rei Bráulo quando soube
Desse rapaz valentão
Mandou buscá-lo com festa
E grande recepção
Para ver se ele podia
Salvar a sua nação.

Guilherme quando chegou
Lhe disse o rei sem tardança:
— Se você salvar meu reino
Fazendo a minha vingança
Eu lhe darei de presente
A corôa por lembrança.

Então contou a Guilherme
A façanha dos ladrões
A coragem dos gigantes
A bravuras dos leões
A vingança das serpentes
Devorando os batalhões.

Contou como sua filha
Foi roubada do reinado
Guilherme viu seu retrato
Ficou logo apaixonado
Disse ao rei: Quero armas
Para seguir bem armado.

Preciso de três espadas,
Um revólver e um punhal,
Também muita munição,
De fabrico especial,
Para enfrentar os gigantes,
Leões e tudo afinal.

Guilherme mandou fazer
Uma vestimenta de aço,
Com molas suficientes,
Para mover cada braço;
Partiu p'ra vencer a luta,
Ou ficar lá o bagaço.

Quando chegou no portão
Um gigante apareceu,
E disse para Guilherme:
Por ti esperava eu
P'ra dá de comer a gente,
Aqui ninguém mais comeu.

Guilherme que estava pronto,
Meteu-lhe logo a espada;
O gigante puchou outra
Que era mais afiada,
E deu um grito chamando
O outro seu camarada

Chegou logo o outro e disse:
Vamos comer este diabo!
Guilherme disse: e você
Para onde vem tão brabo?
Cravou-lhe a espada no peito
Que entrou até no cabo.

Esse caiu logo morto,
Ficou somente o primeiro,
Que lutava com o moço,
Como um feroz carniceiro,
Na luta eles caíram
dentro dum despenhadeiro.

Guilherme muito cansado,
Preparou uma cilada
Porque viu que não pegava,
O gigante na espada,
Com o braço esquerdo deu-lhe
Uma enorme punhalada.

Na punhalada o gigante,
Deu um esturro e gemeu,
Guilherme mais que depressa
Outra punhalada deu,
Em cima deu outra mais
Que o gigante morreu.

Depois do gigante morto,
Guilherme seguiu viagem,
Ao caminhar meia legua,
Perto de uma passagem,
Enfrentou os dez leões,
Com heroismo e coragem.

Assim que os leões partiram,
Guilherme a espada puchou,
O mais afoito que vinha,
Em dois pedaços cortou,
Meteu a espada noutro,
Que este morto tombou.

Naquilo os oito avançaram
Mas o moço sem sobroço,
Esperou-os de pé firme;
E deu um golpe colosso,
Que partiu dois pelo meio,
Doutro tirou o pescoço.

Porém é que nessa hora
Quando Guilherme virou-se,
Um leão deu-lhe uma tapa
Que a espada quebrou-se;
Guilherme puchou por outra
Esta no leão cravou-se.

O leão já estava morto,
Quando Guilherme puchou-a;
Porém é que outro leão,
Neste instante rebafou-a;
Guilherme puchou a última,
Furnida, pesada e boa

O rapaz com esta espada,
Melhorou mais do cansaço,
Deseu ela num leão,
Partiu-o no espinhaço;
Ficaram tres e Guilherme
Ali os fez em bagaço.

Guilherme descansou muito,
Depois da luta medonha,
Vendo os leões todos mortos,
Seguiu igual a quem sonha,
Mas quando viu as serpentes,
Só não correu com vergonha

Então as duas partiram,
Guilherme se desviava,
Metia a espada com força,
Esta o gume virava,
Ele viu que as serpentes,
A espada não cortava.

Bateu mão a seu revólver,
Da luta já bem cansado
Atirou, porém também .
Não deu nenhum resultado,
Nenhuma bala furava,
Guilherme se viu logrado.

Com duas horas de luta,
Jesus o auxiliou
Por muita felicidade,
No olho de uma acertou;
No tiro ela deu um silvo
E a luta abandonou.

Guilherme que já pensava
Perder o grande valor,
Porém no tiro conheceu
Qual o lugar matador,
E bem no olho da outra
Deu-lhe um tiro arrasador

Assim morreram ás serpentes,
Perderam todas ações;
Guilherme daí partiu
Para a «cova dos ladrões»
Quando foi chegando perto
Viu dois enormes portões.

Por felicidade dele,
Os ladrões andavam fora,
Só estava o capitão
E um vigia na hora,
Guilherme pega o vigia
E matou-o sem demora.

Então entrou no palácio,
Correu salão por salão,
Quando chegou na cosinha
Avistou um alçapão,
E dentro avistou um homem
Com um grande punhal na mão.

E nos pés dele uma jovem
Ajoelhada chorando;
Era a princesa Rosinha
Que estava se lastimando,
E o capitão dos ladrões,
Estava lhe confessando.

Com o punhal lhe apontando
Em cima do coração,
Dizendo: vamos senhora!
Veja se me aceita ou não?
Do contrário hoje mesmo
Vai para dentro do chão.

Rosinha disse: eu prefiro
Morrer, porém sendo honrada
No céu descanso nos braços
De Maria Imaculada,
Porque não parto do mundo
Com minha alma manchada.

Guilherme desce a escada
Com o revólver na mão,
Tão sagaz que parecia,
Que não pisava no chão
Ficou atrás do bandido,
Ouvindo esta confissão.

O monstro disse a princesa;
— Dos meus pés você não corre,
Tem que ceder o que quero
Aqui ninguém lhe socorre;
Guilherme gritou atrás:
— Não estremeça que morre.

Nisso o capitão virou-se
Com o seu punhal na mão
E partiu para Guilherme,
Igual um lobo ou leão;
Guilherme deu-lhe dois tiros,
Em cima do coração.

Rosinha quando viu isto,
Se abraçou com o rapaz
Dizendo: Tú és um anjo
Das regiões divinais,
Vieste para salvar-me,
Já nos momentos finais.

Diz Guilherme Ainda falta,
A corja devoradora,
Então foi para o portão,
Com u'a metralhadora;
Rosinha pertinho dele,
Como municiadora.

E Guilherme entrincheirado
Prestando todo sentido
Quando a quadrilha apontou
O moço bem destimido
Com trez rajadas que deu
Não escapou um bandido.

Dai Guilherme e Rosinha
Seguiram para a cidade
Embriagados de amor
Na doce paz d'amizade
Assim entraram de braços
No côrte da magestade.

Quando entraram na côrte
Tanto o rei como a rainha
Logo abraçaram Guilherme
E a querida filhinha
As moças jogavam flores
Sôbre Guilherme e Rosinha.

Guilherme foi coroado
Porque assim merecia
E casou-se com Rosinha
Com toda soberania
Entim que teve a corôa
Como « o rei da valentia »

» bravura desta luta
Teveu Guilherme a vitória
Unido com boas armas
enfrentou e teve a gloria
— isto é fato sem segundo
Dá corágem a todo mundo
» vingança desta historia. FIM

NÃO DEIXE DE LER, OS GRANDES

ROMANCES:

A historia de Vicente o rei dos ladrões	Cr. \$ 6,00
« A marca do Zorro »	„ 6,00
Josafá e Mariêta nos da escravidão	„ 5,00
Sacrificio do amor ou o noivo ressuscitado	„ 5,00
A rainha justiceira e principe enterrado vivo	„ 5,00
« O louco da aldeia »	„ 5,00
A vingança de Custódio	„ 4,00
As bravuras de Nequinho	„ 3,00
O pai quiz casar com a filha	„ 3,00
A ilha misteriosa ou a coragem de Solon	„ 3,00
As aventuras de Paulo	„ 3,00
A historia de Helena heroína do amor	„ 3,00
A vingança do amor (Alfredo e Lindalva)	„ 3,00
Os misterios da princesa dos 7 palacios	„ 3,00
O amor nas selvas	„ 3,00
A princesa Rosinha na cova dos ladrões	„ 3,00
A vitoria de Floriano e a negra feiticeira	„ 3,00
Os quatro sabios do reino	„ 3,00
O homem que era servo de Deus	„ 3,00
A beata santa ou falso Cristo	„ 2,00
Jesús e o Mestre dos mestres	„ 2,00
A afilhada de santo Antonio	„ 2,00
A afilhada da Virgem da Conceição	„ 2,00
A mulher que não negava o amor de Deus	„ 2,00
Disc. de Mel. d'Almeida com Mel. Bento	„ 2,00
Disc. de Mel d'Almeida com a negra da Bahia	2,00

(todos do mesmo autor)